



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

CASCALHO: VOZES DE MULHER NA FICÇÃO DE HERBERTO SALES

Elisabeth Silva de Almeida Amorim
Pós-graduanda em Linguagem,
Educação e Sociedade – IESGO/SEPPE
mrs.bamorim@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho propõe a realização de uma análise das representações femininas do romance *Cascalho*¹ de Herberto Sales. Conhecer as mulheres omissas e subalternas a um poder político opressor e patriarcal faz-se necessário para o reconhecimento de identidades construídas e desconstruídas na narrativa ficcional que tem como cenário a Chapada Diamantina, território dos coronéis do garimpo. Em “Cascalho”, as mulheres são tolhidas de discursos, perspectivas e desejos. Anuladas, optam pela obediência a uma voz de autoria masculina, presente em todo romance. O artigo utilizará como *corpus* de análise as condições discursivas das personagens femininas de *Cascalho* (1944) contrapondo-se com a voz autoritária assumida pelo coronel Germano, dono das leis, serras e até do rio Paraguaçu. Através de Nenzinha, D. Santa, Joana, Florinda e Negra Vitalina; enfim, mulheres descritas como *sombras submissas, meretrizes, imundas e feias*, talvez, conheceremos as ideologias perpassadas nas construções destas personagens, desde as intencionalidades de alguns nomes às condições a que foram submetidas. Se no primeiro plano os espertos coronéis do garimpo traçam o destino de muitos humildes de forma injusta e impiedosa, por outro lado as mulheres “vagam” sem destino certo, como se elas se perdessem na própria narrativa. Por isso, é importante fazer uma re-leitura do romance, com o foco nos perfis femininos, desde a fala ao comportamento individual, só assim poderemos estar aptos a entender a condição de subalternidade e opressão vivenciadas por muitas mulheres do século XIX.

Palavras-chave: Análise do discurso. Ideologia. Representação feminina. Poder patriarcal.

¹ Obra lançada em 1944 causou aborrecimento a alguns moradores de Andaraí ao sentirem-se focalizados na narrativa, a ponto de ameaçar Sales de morte, fazendo com que o autor mudasse para o Rio de Janeiro, conforme texto de abertura de Ivan C. Proença na 5ed. de *Cascalho*.

Imagens de mulher na literatura de autoria masculina

Há muito tempo a mulher ganha destaque nos romances, ora incorporando o perfil de “viuvinha” dócil à espera do seu príncipe encantado, mesmo que esse príncipe já tenha “falecido”, ou através das “Helenas”, “Lucíolas”, “Gabrielas”, “Iracemas”, “Claras dos Anjos”, “Tietas”, “Madalenas”, “Rosas” de Oxalá ou Palmeirão... No entanto, seja como protagonistas ou coadjuvantes, brancas, índias ou negras, damas da corte ou prostitutas, as mulheres vem despertando alguns olhares, desde o comportamento social a sua anulação diante do cenário proposto pelo escritor. Mas afinal, como aparece a imagem da mulher em determinados romances ficcionais? Recorremos às mulheres representadas no cenário da Chapada Diamantina através romance *Cascalho* do escritor baiano Herberto Sales, para rever os discursos de autoria feminina sendo anulados diante de um poder patriarcal.

A sociedade brasileira é marcada pelas diferenças sociais, políticas, religiosas, filosóficas, étnicas e culturais. Mesmo assim, os espaços midiáticos são restritos e praticamente impenetráveis para uma minoria que ouve estagnada discursos ideológicos sobre os diferentes papéis sociais destinados a cada ser. Em cada canto há vozes silenciadas, oprimidas e subalternas às culturas do dominador; no entanto, tentam a clamar pela justiça social, pelo direito de ir e vir, mas, discriminadas, desaparecem no cenário, seja ele real ou fictício. E são justamente esses silêncios opressores que marcam a construção das identidades das personagens femininas na narrativa ficcional que serão usados para discutir o espaço da mulher nesta obra.

1 É mulher? Fala menos...

Falar das discriminações sofridas pela mulher não é nenhuma novidade, falar também que por muito tempo ela ocupou cargos de menor prestígio social por questão do gênero é um discurso já saturado. O passado da mulher é marcado pelo espaço da negação: desde o direito ao voto a educação. Afirmar que a ciência por muitos e muitos anos não contou com a participação da mulher na medicina profissional e as parteiras de outrora perderam lugar para os homens parteiros, atuais obstetras, parece ficção. No entanto, sem nenhum constrangimento eles -os homens- passaram a controlar as questões científicas e lucrativas do parto, enquanto elas -as mulheres- ficaram com a atividade mais pesada. É algo inquietante, mas é fato.

Segundo Schiebinger (2001), *as parteiras eram as especialistas na saúde da mulher*, mas a partir do século XVIII perdem seus postos, uma vez o trabalho passou a ser lucrativo e exigia intelectualidade científica. Até quando a mulher terá que lutar contra a opressão? Em que momento ela terá direito de participação ativa sem ser discriminada pelo gênero? E até quando os romances de autoria masculina representarão as mulheres como objeto de prazer, alvo das humilhações masculinas, *sombras submissas e seres silenciados*?

Por isso, o convite está sendo feito: revise as páginas de *Cascalho* (1944) para analisar as falas das personagens. Não se assuste, mas as vozes de autoria feminina são ínfimas, quase inaudíveis, isso quando o discurso feminino não serve de chacota para o público masculino, muito bem representado nesta narrativa ficcional.

Em *Cascalho*, romance fonte da pesquisa, a extração do garimpo na área da Chapada Diamantina com os entraves políticos à base do coronelismo desmedido serve de cenário para a narrativa que se entrelaça com o poder dos coronéis e a prostituição na região. Um garimpo que embrutece seus heróis anônimos às custas do enriquecimento precoce de poucos e muito sangue derramado das emboscadas planejadas pelos coronéis

em parceria com representantes da lei. Na região descrita, Andaraí é o centro das articulações políticas, é de lá que o autoritário Cel. Germano e seus aliados, entre eles, aparecem a figura do irmão do coronel, Major Quelezinho, o médico da cidade Dr. Marcolino e o subserviente delegado Esquivel, comandam a cidade e as serras do garimpo.

Um quarteto muito bem acompanhado de homens fardados ou jagunços que não se intimidam em mostrar qual “coronel” deve ser seguido e respeitado. Por outro lado, ocorre a existência de um grupo de mulheres que parecem amordaçadas, ouvem, obedecem, resignam. Mesmo ocupando diferentes posições sociais, elas aparecem esporadicamente conduzidas quase sempre por uma voz de autoria masculina, humilhando-as, ditando ordens que intimidam e silenciam em quase toda a narrativa. E independente da posição social, essas mulheres vagam oprimidas. É o que veremos a seguir.

2. Entre a subalternidade e a opressão: As mulheres do coronel do garimpo

Erasmus Carlos tem uma música bastante conhecida por nós, mulheres, afinal *“Dizem que a mulher é sexo frágil”*. Mas de onde vem e para onde vai a fragilidade da mulher? Ainda bem que o próprio compositor corrige o discurso através de *“mas que mentira absurda”*. Realmente, dizer que a mulher é frágil descaracterizando o contexto em que ela está inserida e as atividades desempenhadas impositivamente, cairá num julgamento com base no juízo de valor, mesmo porque, segundo SAFFIOTI (1987:29), *“Também se está no terreno do pré-conceito quando se diz que a mulher é mais fraca ou menos inteligente que o homem. Objetivamente nada há que prove estas afirmações”*.

No romance *Cascalho*, a maioria das mulheres apresenta características negativas, por que não dizer alienadas pelas condições de vida, pelos espaços que lhes são destinados? A elas são negados o direito de ser mulher, mostrar a feminilidade ou numa linguagem mais bruta, ser gente. As mulheres passam pelo enredo, como sombras submissas, resignadas, cabisbaixas, derrotadas e humilhadas pela fragilidade que lhes impuseram o discurso machista.

A aceitação desses seres cúmplices da dor e do sistema social remete-nos a algumas reflexões:

A alienação é um processo ou um processo social como tudo. Não é produzida por um erro da consciência que se desvia da verdade, mas é resultado da própria ação social dos homens, da própria atividade material quando esta se separa deles, quando não a podem controlar e são ameaçados e governados por ela.

(CHAUÍ, Marilena, 2001, p.74)

É um fato. Se durante toda a vida ouvir o discurso que a mulher é para satisfazer o homem, realizar atividades rotineiras e domésticas e jamais discutir uma ordem “superior” vinda do seu marido, pai ou qualquer um do sexo masculino, anos a fio, a sociedade contará com a presença de seres manipuláveis, alienados, pois, conforme Chauí, a alienação é um processo social, pois ela resulta das ações sociais praticadas.

As ações praticadas pelas personagens femininas no romance *Cascalho* comprovam as discussões de Marilena Chauí, mesmo porque, qual é o papel de Dona Santa e Nenzinha no enredo? Há alguma diferença entre a esposa e a amante do coronel Germano? Vejamos que o tratamento atribuído às duas é o mesmo. O coronel é o líder, é o dono das duas mulheres, que simplesmente se apagam em sua presença, e até na

ausência. E o narrador faz a diferença uma da outra, sabe como? Confira esta passagem do texto:

Quando o coronel acabou de fechar a porta, desabou uma chuva grossa... Na sala, encontrou **Nenzinha** enrolada no xale, muito afrita; ao ouvir os tiros, ficara sobressaltada, sem atinar com o que estava acontecendo.

_ Vá rezar a “Magnificat” ordenou-lhe o coronel. -- E queime palha benta.

(C. 1967 p. 47 – grifo nosso)

Nenzinha é a amante obediente, não questiona as ordens do seu parceiro, atende-o passivamente, como se fosse um robô controlado pelo poder de um comando, comandante esse chamado coronel Germano.

Por outro lado, o contato do coronel com a esposa não diferencia muito com o tratamento dado a amante, mesmo porque ele a enxergava como um obstáculo, atribuindo-lhe a culpa de não ter gerado um filho, deixando a maternidade para a amante. Aos olhos do Cel. Germano, a esposa Dona Santa era como um inimigo, prisão, conforme o trecho: “A imagem que ela sugeria era de um homem vestida de saia” e mais “Vendo a esposa era como se tivesse regressado a uma prisão”. (C.334)

As mulheres do coronel Germano são omissas, não participam do casamento como uma relação conjugal. Até no ato sexual, a amante Nenzinha diz “Não, hoje não”, mas os seus apelos são ignorados pelo parceiro; afinal, é a satisfação dele que conta. O prazer é para o macho, e para ela, amante, restava-lhe obedecer. Consolidando uma identidade de mulher submissa, como se esse fosse o seu destino, sem poder modificá-lo. Portanto, para SAFFIOTI (1987:10), “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornem homens e mulheres. A identidade social é portanto socialmente construída”.

No romance analisado, esposas e amantes estão no mesmo nível, apenas fêmeas que satisfazem seus homens. Porém, o elemento divisor entre as duas é marcado pelos léxicos dos próprios nomes das personagens e “dona” ao ser referir à esposa, ela passa pelo título de “Dona Santa”, enquanto a amante é apenas “Nenzinha”.

Em um olhar mais refinado para as ideologias dos nomes “Nenzinha” e “Santa”, percebemos que o “inha” reforça a idéia de algo menor, insignificante, só pensarmos na mulher acrescido do sufixo **inha**, imediatamente imaginamos uma mulher sem prestígio social, simplesmente uma *mulherzinha*. Nem o título de mãe a Nenzinha, coloca-a em situação superior. Sabe por quê? Ideologicamente, ela já incorporou o seu papel social naquele contexto, e essa ideologia perpassa as páginas do romance, contagiando o escritor, talvez em retratá-las conforme a sociedade da época retratava essas mulheres. A amante não merece ser chamada de “dona” ou de “senhora”. Quem consegue escapar dos discursos ideológicos? Afinal, “a ideologia é aquele discurso no qual os termos ausentes garantem a suposta veracidade daquilo que está implicitamente afirmado”, diz CHAUI (1990:4).

Por outro lado, o nome de “Santa” é utilizado para uma minoria seleta, há uma relação próxima com a bondade, carisma e amor. No romance analisado, a *Dona Santa* parece uma vela acesa em seu final, não ilumina o suficiente, não incomoda, apenas está ali, no seu cantinho até que a última chama se apague.

Tanto Nenzinha quanto Dona Santa residem em uma das fazendas do coronel Germano, poucas léguas uma da outra, para facilitar o contato entre os amantes, ambas obedientes, passivas e totalmente submissas ao coronel. Ele pode ter mais de uma parceira, enquanto as mulheres permanecem fiéis, pois sabem qual o tratamento para as

adúlteras. Conforme SAFFIOTI (1987), a sociedade é conivente com o adultério masculino, e, às vezes, procura justificar a traição masculina atribuindo culpa à conduta da esposa.

Indiscutivelmente, as mulheres do coronel Germano, líder do grupo que determina quem fica ou quem sai da cidade, onde os diamantes enchem os olhos e os bolsos dos estrangeiros, são figuras descritas como “sombras submissas”, que “cheirava a fumaça de lenha”, “abatida”, “imagem insólita”. Nenhuma palavra de ternura é atribuída a essas mulheres. Até na situação em que um empregado observa Dona Santa tomando banho, não aparece frases elogiosas à mulher. Pelo contrário, há uma descrição curta sobre o episódio: “*ensaboando o grande corpo nu – Dona Santa, cabelos soltos, os volumosos seios pendendo como frutos e o ventre se afunilando num emaranhado negro...*” (C. p.335)

Naquela situação única e inusitada, Dona Santa era vista realmente como uma mulher pelo empregado da fazenda, o João Vaqueiro. A forma lacônica que o acontecimento foi descrito e interrompido pelas reticências tenta afastar a feminilidade e sensualidade da mulher e sugere uma situação em que uma fêmea é observada de forma indevida, despertando o desejo de um macho.

Que discurso *Dona Santa* pronuncia? Como responde as expressões pejorativas a ela atribuídas? Dona Santa é elite! Dona Santa parece ignorar o que está a sua volta “cheirando a fumaça de lenha alta, quadris estreitos, sombra submissa...” (C.326). A situação idêntica a que sua rival Nenzinha vivencia na história, pois, mesmo sendo mãe de um filho do Coronel Germano, o seu filho é visto pelo pai com um remorso pela vida *aviltante* dada ao jovem, por não ser legítimo.

As identidades negadas estão presentes em todo o romance, mas como fugir do destino? Como aceitar pacificamente as imposições sociais destinadas às mulheres? Como se comportavam as profissionais do sexo na área do garimpo? Eis as discussões a seguir.

3. A pedagogia da alienação: o ser e o ter das profissionais do sexo

Não é difícil julgar uma situação quando mantemos a distância. Nesta seção, os olhares serão para as mulheres ou as representações femininas que no romance *Cascalho* aparecem como *meretrizes*, *putas* do garimpo. Mas, em respeito aos direitos de ir e vir, assumir esta ou aquela identidade, tomaremos essas figuras como profissionais do sexo, como atualmente elas costumam ser chamadas. E para essa análise, atentaremos mais especificamente para três personagens do romance: Florinda, Joana e Negra Vitalina, não impedindo um comentário ou outro, para as demais “mulheres-damas” que aparecem no enredo da história.

Mulheres irmanadas no sofrimento ou talvez alienadas pelo processo de castração de direitos. O que essas mulheres representam naquele cenário? Nada, ou quase nada. Apenas um corpo a ser usado pelos que pagam pelo serviço, mas sendo descartado na primeira oportunidade. Mesmo porque é um corpo que envelhece bem mais rápido, que se cansa também mais rápido e o pior, ao adoecer pelos maltratos vividos, sofre discriminação, rejeição e é alvo de piadas tipo: “Joana é uma bananeira que já deu cacho” p.86, como uma forma de dizer que aquela profissional do sexo não era mais atraente para aquele observador.

O que essas mulheres tinham a oferecer? Qual o prazer desfrutado naquela região do garimpo? Um corpo fétido pelas doenças sexualmente transmissíveis, uns bofetões recebidos dos parceiros mais violentos e algumas cédulas e *mimos* quando um ou outro garimpeiro *bamburrava*, ou seja, conseguia um cascalho de valor.

Ao analisarmos Florinda, parece haver um traço de bondade em suas ações, pois ela se apresenta como a protetora do primo “Zé de Peixoto” das agressões sofridas pela tia do garoto, Dona Sebastiana, mãe da jovem. Mas a descrição de Florinda no texto é: “Era uma mulata fornida de carnes, que fazia vida em várias localidades das Lavras”. É por ela “fazer vida”, como aparece no texto, que o seu primo se vê no direito de invadir o seu quarto completamente nu, impondo: “-- Me dá, Florinda, me dá...-- suplicava o negro. --Eu sei de tudo...Eu também quero...” (C. p. 64)

Mesmo para uma criança, por ser do sexo masculino, há uma evidência de poder e impunidade. Para ele, a sua prima era um corpo disponível, e não foi à toa que ele a chamou de “burra” e a ameaça quando ela se recusa a praticar sexo. Para a mulher acostumada a ser obediente ao homem e aceitar o destino sem reclamar, ela escolhe a fuga, para não ceder aos caprichos de um macho em miniatura, pois, conforme o romance, “No dia seguinte, Florinda partia para nunca mais voltar.” Assim, de certa forma ela fogia do autoritarismo do primo, ainda criança, mas já sabia mandar, impor; afinal, nasceu macho. Florinda, aquela mulher que carinhosamente usava *a água de sal para aliviar a dor das mãos do primo causadas pela palmatória* escolheu um destino diferente da sua mãe, que mais tarde foi assassinada pelo próprio sobrinho, o mesmo, muitas vezes, defendido pela jovem: “_Deixe o Zé brincar, minha mãe, isto também é demais!” recebendo de imediato a advertência: “_Você bota esse menino a perder...” (C.61)

Ficar naquela situação para Florinda era transgredir um espaço criado por ela mesma, pois para Zilá Bernd (2003), “a busca da identidade pode ser vista como um processo em permanente movimento, de deslocamento, como travessia, como uma formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos de reterritorialização e desterritorialização”.

Uma outra personagem feminina que recorre à fuga é Joana Magra, descrita como “meretriz velha”, “bananeira que já deu cacho” pelo seu amante. Tais descrições revelam como o homem olhava a sua parceira de anos e anos de cumplicidade, lutas e gozos. Joana, ao ver rompido os laços que prendiam ao amante, com a morte dele, ela simplesmente sai a ermo. O que lhe reservava o destino? Velha, feia, bastante magra, como conseguir sustentar-se numa sociedade tão desigual? Mesmo porque,

A identidade social da mulher, assim como do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias do sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher.
(SAFFIOTI, 1987. p.8)

Joana Magra com falas mínimas direcionadas ao amante, o jagunço Zé de Peixoto, enquanto ele a enxergava como uma prostituta velha, ela o via como um ente querido. Isso se percebe nas saudações, momentos únicos de diálogo, através de “Até logo, meu filho” e em outra situação distinta “*Não venha muito tarde não, meu filho*”.

As oportunidades apresentam desiguais tanto na ficção quanto na realidade. Não são recentes os discursos acerca das discriminações que negros, pobres, índios, homossexuais sofrem na sociedade. Parece haver um local determinado para cada um, e quando um intruso ousa invadir o espaço do outro, é visto de forma preconceituosa. Uns parecem ser mais marcados que outros. Veja como Vitalina aparece no cenário da Chapada. Acompanhando o nome da personagem, há uma marca de sua identidade “**Negra Vitalina**”. Por que não há referência de cor ao coronel, juiz ou promotor e delegado que fazem parte da história?

É interessante perceber que essa discussão acerca do adjetivo “negra” atrelado ao nome de Vitalina poderá ir bem mais além, uma vez que a elite do garimpo não traz essa marca identitária e discriminatória de cor. Enquanto o país midiático proclama uma nação de “todos”, percebe-se através da ficção de Herberto Sales quantos desses “todos” permanecem à margem, fato que não distancia de muitas realidades.

Quem é realmente a “Negra Vitalina”? Mais uma profissional do sexo como tantas que aparecem no enredo, mas a alusão à cor a faz diferente das demais. E mais uma vez, essa diferença é marcada pelos estereótipos que circulam acerca do negro, pois ela é a mulher dama oportunista que está à espreita do garimpeiro que “bamburra”, ou seja, conseguia uma pedra de valor; e o mais grave, a ela é associada a idéia de sujeira, pois ela é a única mostrada no romance que se enxuga na própria roupa, após fazer suas necessidades fisiológicas. Por que isso acontece? Por ser meretriz não é, porque as demais não apresentam esse comportamento. Parece algo enraizado no imaginário de muitos escritores, romancistas, contistas em geral, que o negro precisa ser “desonesto” e “sujo” para ratificar as identidades. Até quando teremos que conviver com essas ideologias?

As profissionais do sexo em Cascalho parecem não ter vontade própria, perambulam as fronteiras do garimpo, sendo exploradas e de certa forma aceitando as explorações, confirmando uma fragilidade débil, que se sustenta por muitos anos, abraçando um conformismo doente, arbitrário e desmedido. Jovens que nas primeiras descrições do romance, aparentam uma saudável fisionomia. Em poucas linhas depois, sentem-se esmagadas pelas doenças, discriminadas e acuadas feito bichos, passando de objeto de desejo a ser objeto de repulsão.

Como é impossível falar dos preconceitos sofridos pelas mulheres sem falar no discurso machista tentando legitimar esses preconceitos, é bem clara a desproporção dos espaços ocupados pelas mulheres. Poderíamos refletir sobre a anulação dos garimpeiros. No entanto, há uma diferença de identidade marcante. Nenhum homem é taxado pela sua aparência “magra” ou pela cor “preta”. Os que desistem do garimpo tem uma ausência marcada não pela anulação, mas pela reconstrução de identidade. Esse exemplo fica evidente na personagem Silvério. Até a morte para o homem parece ser mais gloriosa, como é o caso de “Filó Finança”, que morre sonhando com dias melhores. Enquanto uma jovem prostituta tem a cabeça esmagada na porta da igreja, por ser objeto de disputa entre os mendigos.

Fatos assim induzem a perceber a proximidade da ficção com a realidade e geram aquele incômodo em tocar nestas feridas. Mas caminhemos para as análises dos discursos.

4. Eu falo, tu obedeces?!

Sem querer transformar esse estudo numa questão binária de sexo onde o falocentrismo impera absoluto enquanto os “não-falocêntricos” obedecem, trilharemos para as discussões de gênero e as relações de poder que subsidiarão a pesquisa. Para Scott (2005), por exemplo, “não existe soluções simples para as questões de igualdade e diferença”, mesmo porque ela defende o *paradoxo* como princípio da igualdade, apontando alguns enigmas:

A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente;
Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade;

Reivindicações de igualdade envolvem a aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação...
(SCOTT, 2005: 15)

Do início ao final do romance, a voz audível é proferida sempre por personagens masculinos. Eles dominam os discursos que ideologicamente constroem sentidos pela situação por eles vivenciada, dos mais humildes dos garimpeiros à classe mais elevada representada na ficção de Sales, homens que não conseguem perceber a mulher além de uma fêmea, pronta para recebê-lo e obedecê-lo incondicionalmente.

Seja Zé de Peixoto, o jagunço mais temido da região, o garimpeiro Filó Finança, o eterno sonhador, ao coronel Germano, líder dos coronéis na região de Andaraí, os cabras-machos não precisaram ir pra “Pasárgada” para desfrutar os prazeres do sexo fácil com as mulheres desejadas. As mulheres contraventoras ou senhoras distintas curvam as ordens dos seus parceiros, parecem acostumadas a serem *sombras submissas*. Afinal, os silêncios marcados pelas personagens femininas conseguem dizer muito através do não-dito, pois “entre o dito e o não-dito é irremediável que haja um espaço de interpretação que não se fecha.” (ORLANDI, 2004:72).

5. Enfim, retirando as “pedras” do caminho da Chapada...

Falar de *Cascalho* é lembrar de uma luta desigual entre os garimpeiros da região de Andaraí e os ambiciosos coronéis do garimpo. É também conhecer os espaços de cada um e, conseqüentemente, as posições discursivas assumidas ao longo da narrativa. Para Augusto (2007), apesar dos mitos bastante conhecidos para representação do sertão diante do país, voltados para a seca, pobreza e violência, canganço... “O romance *Cascalho* não nega a existência da seca nas Lavras Diamantinas, as Lavras são uma parte do sertão” ele vai além ao afirmar que *Cascalho* é um romance documental, pois “Através da historicidade da obra, o autor vai montando uma biografia da civilização do garimpo através do texto literário. (AUGUSTO, 2007:52)

Intencional ou não, as personagens mais temidas da narrativa ficcional são o Zé de Peixoto, apontado como um negro forte, perverso, corajoso e audacioso, e outro é protagonista da história, o coronel Germano, patrão impiedoso, desonesto e injusto com seus empregados. No entanto, nas memórias de infância desses personagens o que aparecem?

Em Zé de Peixoto, as lembranças se perdem nas mágoas das constantes agressões sofridas cometidas pela sua tia Sebastiana, uma velha ranzinza que fazia questão de deixar a palmatória à vista. Em momentos distintos, agredia-o sem nenhum motivo aparente, pelo simples prazer de bater, violência interrompida quando o mesmo revela-se perverso com os seus colegas; a senhora passa a respeitá-lo. Fato que não o impede de matá-la para roubar.

Já o coronel Germano também traz nas lembranças a imagem da mãe, uma mulher forte, autoritária, dando ordens aos garimpeiros, memórias que se perdiam e se encontravam com uma criança de dez anos vendo sair do quarto da mãe um garimpeiro abotoando a roupa, enquanto a mãe, pálida, grita com a criança que presencia o inesperado: “_ Não mandei você ficar no quintal?” (C.327)

Será que essas duas imagens são as pedras que conseguiram brutalizar esses homens? Talvez sim, talvez não, mas no momento a preocupação é retirá-las do caminho. Afinal, a força dessas mulheres só contaminou suas vítimas?

Encerramos em parte este texto. No entanto, fica aberta mais uma porta para quem quiser entrar e desvendar o porquê de tanto agressividade com as mulheres na

narrativa de Herberto Sales, uma história que retrata não apenas a história do garimpo de Andaraí da década de 40, mas denuncia os silêncios opressores nas representações femininas.

Referências

AUGUSTO, Everaldo. **Literatura e documento**: histórias e mitos na primeira narrativa de Herberto Sales. São Paulo: Alfa-Omega, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Trad. De Sérgio Milleit, 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi, **Discurso e ensino**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: FALE- UFMG, 2005.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ed. Campinas: Pontes, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001,

SCOTT, Joan Wallace. **O Enigma da igualdade**: Estudos feministas. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: v.13, n 1, p.11, 2005

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais: Petrópolis, Vozes, 2000.